



Arquitetura Sustentável

Nova Cosmogonia Global

As mudanças climáticas, sintetizadas pelo acúmulo de lixos e dejetos em todo o meio ambiente, gerando poluição em nossos rios e mares, assim como emissões de gases na atmosfera, são impactos constantes a que estamos e estaremos sujeitos nas próximas décadas – obrigando-nos a encontrar novos e práticos meios, capazes de reverter e redirecionar saudavelmente, no mais curto espaço de tempo, todos as metas da ação humana.

Uma intervenção fundamental é trabalhar cada vez mais com todos os tipos destes resíduos pós-consumo, antes que sejam despejados na natureza - transformando-os em MDL (Mecanismos de Desenvolvimento Limpo) programáticos. Principalmente o plástico – por ter o mais baixo índice de reaproveitamento, ser não biodegradável e o maior lixo acumulativo dos oceanos. Também é necessário minimizar o uso de materiais que provocam a dilapidação do meio ambiente – por exemplo, a extração da areia

e do cimento (este já colabora com 8% do aquecimento da atmosfera). A terra crua local socada e transformada em grossas taipas é uma base estrutural que resulta em belíssimas paredes. Como se percebe então, as construções podem nascer do material que se tem no próprio lugar, com pouca coisa vinda de fora – o que é chamado de “materiais livres”, fora de mercado, sem valor agregado.

Em Ubatuba, a atuação da ONG Verdever na questão da Arquitetura Sustentável tem sido significativa. Já ocorreu a capacitação de pequenas comunidades e populações quilombolas no ensino das tecnologias da arquitetura sustentável. No bairro da Almada e sertão de Ubatumirim, em Ubatuba, já foram formadas equipes de trabalhadores na construção com a terra crua – taipa e tijolos prensados – bem como o reaproveitamento de resíduos (plásticos, orgânicos, minerais) em arquitetura limpa e sustentável. No ano de 2006,

o trabalho foi realizado em parceria com a Ong Arquitetos sem Fronteiras, onde é ensinado a população como realizar as paredes de taipa de pilão, tijolos e garrafas PET. Todo o trabalho foi realizado sem uso de eletricidade. Estes espaços são extremamente agradáveis no verão e inverno - mantém um microclima interno, que dispensa o uso de ventiladores ou ar condicionado (economizando energia também na manutenção).

Nos últimos anos, foram realizadas obras ecologicamente corretas, em Almada e na Praia do Engenho, o que vem despertando o entusiasmo das pessoas.

Todo este sistema construtivo é patenteado, e seu preço por metro quadrado abaixo do praticado pelas companhias de governo para habitação popular. O que pode ajudar a resolver dois problemas emblemáticos do Brasil – a questão do lixo e a carência de moradias - levando uma arquitetura sustentável para a grande maioria, com possibilidade de erradicar as favelas do país.

Os recursos para trabalhar com estas comunidades vem de uma bolsa pós-doutorado que a arquiteta Márcia Macul tem com a Fapesp.

Atualmente a ONG Verdever faz os preparativos para um amplo projeto comunitário de limpeza do mar, com a participação de equipe de pescadores, utilizando as próprias redes para trazer o lixo oceânico formado, majoritariamente, por embalagens plásticas. Pretende-se usar estes detritos no próprio local, construindo faróis sinalizadores para as embarcações, equipamentos necessários ao pier e obras-de-arte criativas. O mesmo poliuretano vegetal aerado, jogado ao mar, é capaz de limpar as águas do petróleo derramado – aglutinando-o e transformando-se em uma esponja, esta é trazida à Terra onde se biodegrada totalmente. **U**

FOTO JOÃO MOREIRA



Casa construída pelos arquitetos Márcia Macul e Sergio Prado utilizando apenas as técnicas de sustentabilidade, paredes em taipa, feita com a própria terra do local. O custo representa 2/3 de uma obra tradicional.